
Machado poeta na imprensa oitocentista: o primeiro suporte e o soneto à Petronilha

Machado poet in the 19th century press: the first support and the sonnet to Petronilha

Cristiane Nascimento Rodrigues

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Sul de Minas

DOI:

<https://doi.org/10.37508/rcl.2026.n55a1380>

RESUMO

Este artigo contém uma breve apresentação do *Periódico dos Pobres*, folha editada por um português radicado no Brasil e que serviu de suporte para a primeira publicação literária do autor de *Dom Casmurro* (1899). E, leia-se, aqui, uma análise do soneto dedicado à senhora Petronilha, o poema “Soneto” à Ilma. Sra. D. P. J. A, composto quando o poeta tinha apenas quinze anos e estampado no periódico em 3 de outubro de 1854. A análise literária considera os aspectos poéticos, retóricos, linguísticos e temáticos. Nesse sentido, busca-se evidenciar de que modo a estrutura do poema colabora para o elogio à mulher casada, cuja imagem se construiu conforme os valores da sociedade burguesa do Segundo Reinado. O primeiro texto poético machadiano é um produto artístico, vinculado ao contexto histórico-político-social e cultural do Brasil Império, que legitima e divulga uma determinada representação de mulher. Essa imagem circulava no *Periódico dos Pobres* assim como em outras folhas do período.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; Poesia; Retórica; *Periódico dos Pobres*; Soneto.

ABSTRACT

This article contains a brief presentation of the *Periódico dos Pobres*, a newspaper published by a Portuguese man living in Brazil and which served as a support for the first literary publication of the author of *Dom Casmurro* (1899). And, read here, an analysis of the sonnet dedicated to Mrs. Petronilha, the poem “Soneto” à Ilma. Sra. D. P. J. A, composed when the poet was only fifteen years old and published in the newspaper on October 3, 1854. The literary analysis considers the poetic, rhetorical, linguistic and thematic aspects. In this sense, it seeks to highlight how the structure of the poem contributes to the praise of the married woman, whose image was constructed according to the values of the bourgeois society of the Second Empire. Machado's first poetic text is an artistic product linked to the historical, political, social and cultural context of the Brazilian Empire, which legitimizes and disseminates a certain representation of women. This image circulated in the *Periódico dos Pobres* as well as in other newspapers of the period.

KEYWORDS: Machado de Assis; Poetry; Rhetoric; *Periódico dos Pobres*; Sonnet.

INTRODUÇÃO

Machado de Assis (1839-1908) iniciou sua carreira literária muito jovem, aos quinze anos, quando o instrumento para se lançar na carreira das letras era o jornal. Provavelmente auxiliado por um amigo português,¹ enviou seu primeiro texto literário para o *Periódico dos Pobres*, editado por outro luso, o empresário Antônio Maximiano Morando. Então, no dia 3 de outubro de 1854, a folha popular recebeu o “Soneto” à Ilma. Sra. D. P. J. A, dedicado a uma senhora casada identificada como Petronilha no último verso.

A folha de A. M. Morando, como muitos outros periódicos que circulavam no Rio de Janeiro em meados do século XIX, possuía um

¹ Francisco Gonçalves Braga (Braga, 1836 - Rio de Janeiro, 1860), um literato que, segundo Jean-Michel Massa (2009, p. 111), foi um “exemplo imitado, copiado e, digamos a palavra certa, plagiado” por Machado.

caráter pedagógico, no sentido de, retoricamente, instruir seu leitor, agradando-o. Assim, até mesmo os textos poéticos deleitavam, ao mesmo tempo que contribuíam para a divulgação e a legitimação dos valores da sociedade burguesa oitocentista.

O soneto machadiano enaltece a senhora Petronilha, destacando suas riquezas, isto é, suas virtudes, que a fazem ser um bom exemplo de esposa e filha. Semelhante aos panegíricos poéticos oferecidos às princesas e rainhas da época, o poema valoriza uma determinada imagem de mulher, colaborando com a missão civilizatória de seu suporte, dada pelo contexto histórico, político e social do Segundo Reinado. Assim, leia-se uma breve apresentação do *Periódico*, seguida de uma análise do poema de Machado de Assis.

O PERIÓDICO DOS POBRES

O *Periódico dos Pobres* circulou no Rio de Janeiro entre 1850-1856 e 1870-1871. Trissemanal, era composto por quatro páginas e produzido na tipografia² do empresário Antônio Maximiano Morando, editor da folha. É possível que A. M. Morando tenha se inspirado em jornais lusos para a escolha do título. Conforme Jorge Pedro Souza (2010, p. 27-28), em 1826, em Portugal, surgiu o *Periódico dos Pobres*, primeiro diário popular português de sucesso, que circulou até 1846, essencialmente veiculando conteúdo noticioso, com o uso de linguagem coloquial. Seguiram-se outras folhas inspiradas em seu modelo, como o *Periódico para os Pobres* (Lisboa, 1827), o *Periódico dos Pobres no Porto* (Porto, 1834) e o *Periódico do Pobre* (Lisboa, 1837).

² Localizada na Rua dos Ourives, nº 21, e posteriormente transferida para a Rua da Vala, nº 25, quando o empresário comunicou a presença de seu escritório na Rua do Ouvidor, nº 158, aos seus assinantes (*Periódico [...]*, 1850b, p. 1). Tanto a tipografia dos *Pobres* como o escritório mudaram de endereço nos anos seguintes. A princípio, as assinaturas adiantadas tinham o valor de 600 réis mensais ou de 40 réis avulso.

Em 15 de abril de 1850, a primeira edição do *Periódico dos Pobres* fluminense informou aos leitores que vinha substituir a folha diária *O anunciador*³. Publicada a partir de fevereiro do mesmo ano, essa folha, como o título evidencia, sobretudo veiculava anúncios comerciais, marítimos, teatrais, de emprego, venda e aluguel de imóveis e de escravos. A parte destinada ao entretenimento era secundária, como prova o comunicado do quarto número: “damos hoje algumas poesias e folhetim, *por faltar-nos anúncios para preencher a folha*” (Ao respeitável [...], 1850, p. 1, grifo nosso).

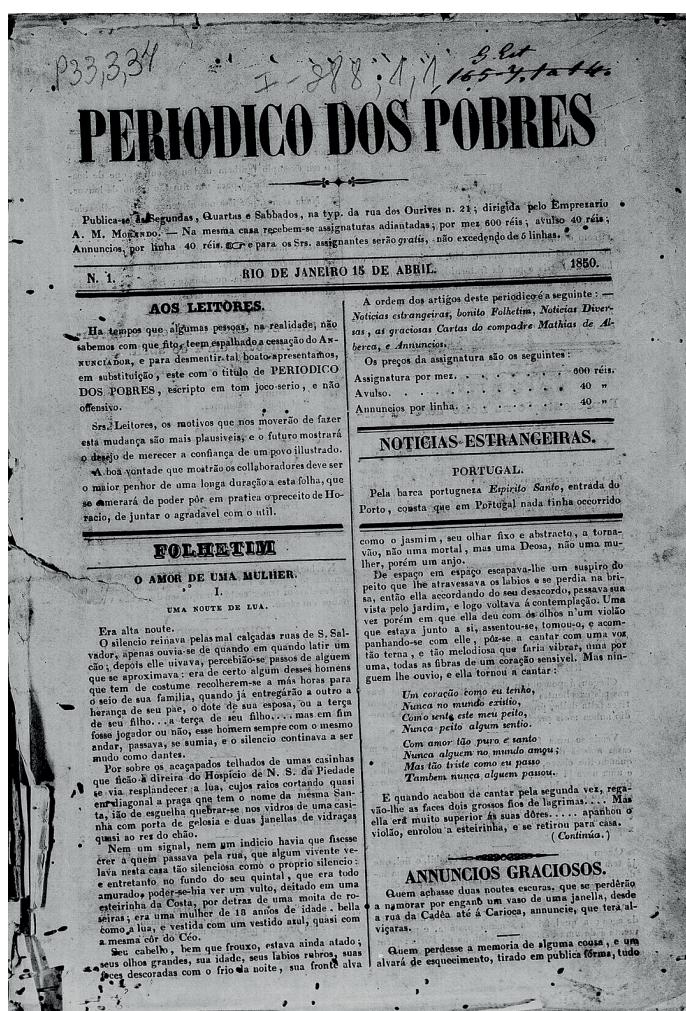
A seção “Folhetim” de *O anunciador* trazia poesias e romances românticos portugueses ou franceses traduzidos ao português. A maioria dos poemas era reprodução de poetas portugueses contemporâneos, como João de Lemos, Luís Augusto Palmeirim, A. Cabral Couceiro, Augusto Lima, José Freire de Serpa e Augusto Emilio Zaluar. Além disso, a folha publicava versos não assinados ou assinados com as iniciais de nomes, os quais, em sua maioria jocosos ou melancólicos, eram oferecidos a um amigo ou a uma amada. Alguns versos tinham a amizade como tema e, às vezes, o eu lírico convidava o leitor, familiarmente chamado de “comadre”, para glosar. Os demais eram frequentemente construídos para a expressão dos sentimentos de amor e saudade.

O *Periódico dos Pobres* se diferenciava de *O anunciador* por publicar uma maior quantidade de textos noticiosos e de entretenimento, diminuindo e levando os anúncios para a terceira e quarta página, até quase cessar essa parte comercial. Sobre isso, é possível que essa redução não tenha sido almejada pelo editor, uma vez que, inúmeras vezes, o periódico solicitou aos seus assinantes o envio de anúncios que seriam publicados de forma gratuita.

³ *O annunciador*, aqui atualizado ortograficamente.

Acerca do primeiro número do *Periódico dos Pobres* (Fig. 1), há um espaço para informes aos leitores na primeira página, seguido pela seção “Notícias Estrangeiras” (sobre Portugal e França), que se estende pela segunda página. O “Folhetim” está presente no rodapé, sendo continuado por “Anúncios Graciosos” que também aparecem na página seguinte. A segunda página contém, ainda, a seção “Teatro” e um poema. No entanto, a principal novidade somente aparece na terceira página. Trata-se da seção “Periódico dos Pobres” que igualmente ocupa a última página finalizada por máximas e mais anúncios.

Figura 1 – Primeira edição do *Periódico dos Pobres*.



Fonte: *Periódico dos Pobres* (1850a, p. 1).

A partir do segundo número, nota-se uma padronização na organização das seções. Trazida para a primeira página, a marca registrada da folha, a seção “Periódico dos Pobres” continha cartas fictícias em que o remetente, o “pobre comerciante” Mathias Alberca, expunha e comentava acontecimentos da Corte, de outras províncias brasileiras e notícias estrangeiras tomadas de outros jornais para um “compadre da roça”. Nessas crônicas, de forma descontraída, o narrador discorria sobre fatos cotidianos relacionados à política, aos teatros, aos bailes, ao comércio e, até mesmo, no que concerne às relações familiares e sociais. Acionando uma tradição, a da epistolografia antiga, o narrador (o *orador*) dirigia-se, por meio de apóstrofe, a um público leitor (o *auditório universal*⁴) informalmente convocado. Nesse sentido, a voz discursiva lançava mão do recurso retórico *captatio benevolentiae* a fim de angariar a complacência de seu interlocutor.

A partir do segundo número da folha, vê-se, também, que na sequência das duas seções fixas, “Periódico dos Pobres” e “Folhetim”, fazem-se presentes textos diversos como artigos históricos, de divulgação científica e de sabedoria popular, poemas, máximas etc., sempre acompanhados dos anúncios. Assim, essa folha popular, devido à publicação de diferentes gêneros e de variados assuntos, alinhava-se ao caráter pedagógico dos periódicos da época. Desde a implantação da imprensa no Brasil, oficialmente iniciada em 1808, esses aumen-

⁴ Retomando Perelman e Tytca, Reboul (2004, p. 93) comenta que a noção de “auditório universal” é um artifício, pois, ao planejar a argumentação do discurso retórico, o orador considera seu público como um grupo “não particular, sem paixões, sem preconceitos”. Nas suas palavras: “o orador sabe bem que está tratando com um auditório particular, mas faz um discurso que tenta superá-lo, dirigido a outros auditórios possíveis que estão além dele, considerando implicitamente todas as suas expectativas e todas as suas objeções” (Reboul, 2004, p. 93-94).

tavam em número, no afã de divulgar os conhecimentos úteis para a educação e ilustração da população local.

É possível encontrar a influência da retórica antiga já na primeira edição do *Periódico dos Pobres*. Na primeira página, o redator assim escreveu sobre seu veículo: “escrito em tom joco-sério, e não ofensivo” e “que se esmerará de poder pôr em prática o preceito de Horácio, *de juntar o agradável com o útil*” (Periódico [...], 1850a, p. 1). No trecho, nota-se que o objetivo do autor da folha era agradar (*delectare*) e instruir (*docere*) seus leitores e ouvintes, como o fizeram os poetas da Antiguidade. Nas palavras do antigo poeta e filósofo romano, os “poetas desejam ou ser úteis, ou *deleitar*, ou dizer coisas ao mesmo tempo agradáveis e proveitosas para a vida” (Aristóteles; Horácio; Longino, 2005, p. 65, grifo nosso), e mais, “arrebata todos os sufrágios quem mistura o útil e o agradável, deleitando e ao mesmo tempo instruindo o leitor” (Aristóteles; Horácio; Longino, 2005, p. 65). No *Periódico dos Pobres*, o princípio horaciano se cumpre por meio da publicação de crônicas informativas, escritas em tom de chiste; de desafios poéticos; de artigos históricos; e de outros gêneros textuais também propícios para o divertimento e a instrução moral, como as charadas, máximas e anedotas.

O periódico se mostrava distante de lutas partidárias, como mostra o comunicado que se repetiu nos números seguintes: “o editor participa às pessoas que quiserem dar artigos joco-sérios para serem inseridos nesta folha, que os receberá gratuitos, não sendo *políticos* ou *ofensivos*” (Periódico [...], 1850b, p. 1, grifo nosso). Sobre esse comentário, é importante lembrar que, desde 1821, quando foi permitida a liberdade de imprensa durante o governo de D. Pedro I, até 1841, quando o período regencial finalizava,

[...] o Brasil vivenciou uma fase de discussão e de debates políticos travados entre os diversos partidos e seus projetos políticos para a nação, em um cenário recheado por agitações, insultos, desquali-

ficações, difamações pessoais, perseguições, prisões, deportações e atentados (Gagliardo, 2016, p. 51).

Nos jornais políticos desse período, vê-se, nitidamente, o emprego de uma linguagem mais agressiva. É principalmente a partir de 1841, isto é, após o Golpe da Maioridade, que a imprensa literária e científica floresce. O aumento dos títulos de jornais e revistas de divulgação das descobertas técnicas, científicas e das novidades artísticas foi proporcionado pela estabilidade política e o apoio do Imperador. E a escrita dessas publicações, regulares ou não, foi realizada por homens de letras impulsionados por uma missão pedagógica. Os redatores brasileiros de meados do século XIX tinham como finalidade oferecer os saberes, as ideias e os conhecimentos diversos aos seus leitores, no sentido de que esses últimos se atualizassem conforme os padrões de educação, civilização e progresso da Europa.⁵ No seu *Periódico dos Pobres*, A. M. Morando expressava a pretensão de se manter afastado dos debates políticos e dos ataques pessoais, visando apenas instruir e agradar seus leitores.

Quanto à ideologia presente na folha, pode-se perceber a defesa de valores relativos ao governo monárquico, como ocorria na maior parte dos periódicos publicados, no Brasil, durante o Segundo Reinado, que, à vista disso, sobreviviam por mais tempo. Nos textos veiculados no *Periódico*, manifestavam-se discursos patrióticos e religiosos, com o fim de persuadir os fluminenses a confiarem no governo e a continuarem trabalhando com afinco, em prol de suas famílias e

⁵ Segundo Vinícius Cranek Gagliardo (2016, p. 64), “a partir de 1840, com o declínio dos debates políticos na imprensa, a literatura e o literato ganharam cada vez mais prestígio, e o público leitor interessado em literatura se expandiu, tanto por meio da proliferação de vários periódicos desta natureza quanto pela edição de um número cada vez maior de livros no Brasil”.

para a prosperidade de todos. Inclusive, lembrando o fato de que o título do jornal possivelmente provinha de periódicos portugueses, é interessante mencionar que tal prática é idêntica à ocorrida com o primeiro jornal publicado no Rio de Janeiro, em 1808, pela Imprensa Régia: a *Gazeta do Rio de Janeiro*. O periódico do Frei Tibúrcio José da Rocha retirava seus textos da *Gazeta*, “de Lisboa ou de jornais ingleses” (Sodré, 1966, p. 23-24), com o fim de aprazer a Coroa, seu mecenas. Sobre a *Gazeta do Rio de Janeiro*, comentou John Armitage:

por meio dela só se informava ao público, com toda a fidelidade, do estado de saúde de todos os príncipes da Europa e, de quando em quando, as suas páginas eram ilustradas com alguns documentos de ofício, notícias dos dias, natalícios, odes e panegíricos da família reinante. Não se manchavam essas páginas com as efervescências da democracia, nem com a exposição de agravos. A julgar-se do Brasil pelo seu único periódico, devia ser considerado um paraíso terrestre, onde nunca se tinha expressado um só queixume (Armitage *apud* Sodré, 1966, p. 23).

Nessa mesma linha conservadora, o *Periódico dos Pobres* parecia ser pensado e direcionado para os portugueses que constantemente emigravam para o Brasil, visto que muitas notícias eram colhidas em folhas portuguesas;⁶ artigos e crônicas constantemente mencionavam Lisboa e outras cidades lusas; e o amor à pátria se manifestava em versos saudosos e de exaltação à História e ao governo de Portugal. Sobre esse último aspecto, veja-se o seguinte panegírico

⁶ Como exemplo, leia-se a nota “Notícias de Portugal”: “recebemos os – Pobres – e o – Nacional do Porto –, cujas folhas vinham no navio – Almirante do Cabo – que arribou a Lisboa, e ali se conservaram até à saída da Galera - Camponesa – por quem as recebemos. As notícias são atrasadas, por isso não copiaremos senão o que encontrarmos mais interessante” (Notícias [...], 1851, p. 1).

poético, dedicado ao aniversário da rainha Maria II, filha primogênita de D. Pedro I:

Quatro de abril
Natalício de S. M, a rainha de Portugal

Oh! dia sempre prezado
Para sempre de glória,
Na posteridade ficas
Gravado na Lusa História.
Vem oh! fama apregoar
Com tua trombeta doiro,
De MARIA o natalício
Para os Lusos um tesouro.

Excelsa filha de Pedro
Herói não houve igual,
Herdeira como Rainha
Da corôa de Portugal.

O êxtase deste dia
Eco faz a léguas mil,
E lá mesmo com transporte
Festejam o QUATRO D'ABRIL.

M. S. d'Azevedo
(Azevedo, 1851, p. 1).

Nesse canto laudatório, desenvolvido em quadras rimadas de versos heptassílabos, o primeiro imperador do Brasil é simbolizado como um “herói” e sua filha é qualificada como “excelsa”, sublime ou elevada, por sua descendência real. Conforme o eu lírico, o dia do nascimento daquela que foi a rainha de Portugal e dos Algarves entre 1826-1828 e 1834-1853 é metaforicamente celebrado como uma riqueza, um “tesouro”, ficando marcado na história do país como

um motivo de orgulho, isto é, de “glória”. Assim, tem-se o emprego de uma linguagem grandiloquente para enaltecer os governantes. E não só a rainha de Portugal foi homenageada nas folhas do periódico. O imperador D. Pedro II, seu irmão, também foi louvado no seu aniversário, com versos do próprio A. M. Morando (Morando, 1851a, p. 1), revelado como proprietário e principal redator dos *Pobres* no início de 1851 (Morando, 1851b, p. 1).

Como em outros periódicos brasileiros de variedades, de meados do século XIX, em que se pode ver a presença de um discurso pedagógico, composto por redatores que se orientavam por ideais europeus de civilização e progresso, no *Periódico dos Pobres*, é possível encontrar prescrições que visavam educar os leitores para um bom convívio social. Como verificou Vinícius Craneck Gagliardo (2016, p. 16), nesses jornais, as intervenções diziam respeito a três aspectos principais: “o aspecto ‘externo’ (o corpo), o aspecto ‘interno’ (a moral) e as práticas cotidianas (os costumes)”. No *Periódico dos Pobres*, pode-se ver muitas crônicas que descrevem física e moralmente as mulheres, ensinando-lhes, conforme os manuais que circulavam na época, quais deveriam ser os cuidados com o corpo, as atitudes tomadas nas reuniões sociais e os comportamentos entendidos como adequados ao exercício dos papéis de mulheres solteiras, esposas, mães e viúvas. Em uma crônica, por exemplo, intitulada “Dedicado às senhoras”, lê-se o seguinte:

não são as mais belas mulheres que inspiram as mais violentas paixões, e sim aquelas que possuem virtudes em grão eminentes, como seja a bondade, beneficência, ingenuidade que supõe inocência. [...].

Ser fiel ao amor, é trabalhar por multiplicar os próprios prazeres; ser fiel às belas, é querer morrer de langor. [...].

A natureza, formando as mulheres, ajuntou n’elas tudo o que podia fazer a nossa felicidade: deu-lhes às senhoras a beleza, por-

que nós tínhamos a força, e porque servindo-as, aliviando a elas o fardo da vida, que por elas nos devemos fazer amar, deu-lhes as graças do espírito, porque nós tínhamos o juízo e a memória que deviam servir-nos para sentirmos a doçura de seus discursos, e conservarmos a lembrança d'eles (Esmeralda, 1850a, p. 3-4).

O texto ensina que as virtudes “bondade, beneficência, ingenuidade” estão acima da beleza física feminina. Além disso, ao tratar da “natureza” delas em comparação com a deles, o autor atribui às mulheres, por oposição, fraqueza física e falta de juízo que seriam compensadas por “beleza” e “graças do espírito”.⁷ Do mesmo modo, predomina um discurso que pretende persuadir os homens a cuidarem e protegerem suas mulheres, “aliviando a elas o fardo da vida” (Esmeralda, 1850a, p. 4), muito provavelmente no que diz respeito à questão financeira, pois somente eles trabalhavam fora do ambiente doméstico. Neste outro trecho, o ato de maternar, à época atribuído apenas à mulher, é eloquentemente louvado:

(...) o amor maternal é a única felicidade que excede a todas as promessas da esperança.

(...)As senhoras causam as delícias de todos os sentidos, só seu nome reanima a alma; sua potência quase que não tem limites, quando à *beleza* e às *graças* elas unem *virtudes* e *talentos*. (Esmeralda, 1850b, p. 2, grifo nosso)

⁷ Conforme estudo do psiquiatra Jurandir Freire Costa (1979, p. 235), à época, “constatava-se que a mulher era mais frágil fisicamente que o homem. Dessa fragilidade, inferia-se a delicadeza e a debilidade de sua constituição moral, com a ajuda dos estereótipos correntes sobre a personalidade feminina. Procedimento semelhante era usado na descrição da ‘natureza’ masculina. A ‘força’ e o ‘vigor’ migravam do físico ao moral, marcando os traços sócio sentimentais da personalidade do homem”.

Assim, ambos os artigos parecem educar, sobretudo, as mulheres, para o cultivo de “virtudes” e o desenvolvimento de “talentos”, a fim de cumprir com alguns papéis sociais, principalmente aqueles relacionados ao lar.

A ideia de que o casamento dava um lugar de prestígio e poder ao homem era fundamentada por discursos da classe médica, os quais estavam em consonância com interesses do Estado. Desde a chegada da família real ao Brasil, os impressos passaram a estampar textos de diversos gêneros construídos com argumentos higiênicos, com vistas a justificar a necessidade de homens e mulheres, após o matrimônio, gerarem filhos saudáveis. Nesses textos, fez-se recorrente o discurso de que a família e a maternidade deveriam ser as únicas preocupações das mulheres, como se pode ver nestas passagens do estudo de Jurandir Freire Costa, intitulado *Ordem médica e norma familiar*:

a mulher [...] nascera para a família e para a maternidade: ‘A mulher [...] não é feita para figurar no liceu ou pórtico, nem no ginásio ou hipódromo; e seu destino sendo o de estabelecer o encanto e o doce laço da família, ainda sua vida inteira não era muita para os numerosos cuidados que esta reclama.’ Os sinais desta vocação eram perceptíveis desde a mais tenra idade: ‘Com efeito, desde sua infância a mulher começa a manifestar os doces sentimentos que a devem sucessivamente tornar amante, esposa e mãe. [...] Mais fraca a todos os respeitos (que o homem) é a mais própria a prodigalizar à família os cuidados que ela reclama de sua ternura e do seu afeto. A mole infância teria de sofrer muitas vezes se houvesse de esperar socorros tardios da fria razão; a voz imperiosa do sentimento induz a mulher a prestar-lhe amparo mais à sua fragilidade; este mesmo sentimento faz com que ela suporte com ânimo alegre os maiores sacrifícios em favor do seu filho, com consciência muitas vezes de não receber dele o menor sinal de gratidão (Costa, 1979, p. 239).

Outra prova do objetivo horaciano da folha em *agradar*, sendo *útil* à educação dos seus leitores e leitoras, conforme os valores daquela sociedade burguesa que tinha a família real como modelo, foi a publicação, na seção “Variedades”, em 1850, de cartas fictícias de uma senhora chamada Adelaide para a educação da amiga Amélia, buscando dar conselhos quanto aos cuidados com os filhos. Novamente, como na seção “Periódico dos Pobres”, o redator apostou na estratégica retórica de, em estilo mais oral e familiar, dirigir-se a uma interlocutora fictícia, que representava o *auditório universal*, para convencê-la a agir de determinada maneira. A. M. Morando volta-se a esse público leitor (que se pretendia formado por mulheres, uma vez que eram elas as principais responsáveis pela educação e pelo cuidado dos filhos), apresentando argumentos baseados ora na ciência, ora no senso comum.

O *Periódico dos Pobres*, como o título indica, provavelmente queria angariar a atenção de um leitor ou ouvinte oriundo das camadas mais humildes da população. Nas crônicas veiculadas nessa folha, os interlocutores eram frequentemente associados aos simples comerciantes da cidade do Rio de Janeiro, aos moradores das zonas rurais, aos jovens estudantes e às mulheres pobres. Não se buscava informar, entreter e aperfeiçoar os saberes dos grandes negociantes e das damas das elites cariocas. Ao longo dos anos de publicação, os locutores fictícios das crônicas da página inicial, que expressavam a opinião do redator, foram mudando e se alternando, provavelmente porque se pretendia educar, principalmente, o público leitor feminino.⁸ O periódico de A. M. Morando passou a incluir cada vez mais personagens femininas para o diálogo e a discussão das notí-

⁸ A busca pela atenção do público leitor feminino pode ser a causa de, no último ano de circulação do *Periódico dos Pobres*, a edição da folha passar a ser identificada como sob os cuidados de uma mulher, nomeada Etelvina Maria do

cias. Nesse sentido, as cartas de Mathias Alberca para seu compadre, presentes na importante seção “Periódico dos Pobres”, passaram a alternar com a publicação de diálogos entre outros dois personagens: o mestre Braz sapateiro que visitava sua tia Andreza Fagundes para trazer-lhe novidades. A tia, uma mulher madura, simbolizava a experiência, e, nesse sentido, sua presença e poder de discussão afirmavam a necessidade de instrução e de conhecimento do público feminino sobre os acontecimentos locais, nacionais e estrangeiros.

A folha se transformou tanto que as cartas de Mathias Alberca e os diálogos entre Braz e sua tia deram espaço para a publicação da coluna “Visita das priminhas”, iniciada em 1851 e que perdurou até os últimos números do periódico, em 1871. Nela, a crônica semanal era tecida mediante o diálogo entre duas mulheres, que, como os personagens fictícios anteriores, comentavam, de maneira subjetiva, acontecimentos da Corte e notícias retiradas de outros jornais. Por intermédio das vozes femininas, construídas com linguagem infantil (devido ao intenso uso de diminutivos, por exemplo), criticavam-se alguns hábitos da população e a negligência dos governos. As priminhas denunciaram a entrada sem controle de migrantes estrangeiros e o abuso dos comerciantes sobre seus empregados, os caixeiros; porém, seus principais assuntos eram os bailes, os teatros, as modas e as festas.

A partir de 1853, a folha passou a conter um desenho litografado no espaço superior da primeira página. A imagem (Fig. 2) é o retrato do interior de um ambiente familiar: a sala de estar. No centro, há uma mulher sentada diante de uma pequena mesa e, no canto esquerdo, uma outra em pé, ao lado da porta de entrada. O desenho é bem

Amor Divino. Nesse ano, a folha também passou a circular com o subtítulo de “O querido das moças”.

detalhado, mostrando um espaço em que os móveis e objetos decorativos seguem a moda europeia, considerada, à época, de *bom tom* e como sinônimo de poder, prestígio social e riqueza. Há um piano, um espelho, luxuosas cortinas e até mesmo o teto da casa aparenta haver sido minimamente decorado. Sobre a mesa, um vaso de flores e objetos que podem ser instrumentos de costura (uma caixinha, um tecido e uma tesoura). A influência da cultura civilizatória europeia também aparece na vestimenta e aparência das mulheres. Elas usam longos e volumosos vestidos, lenços e leque; estão com os cabelos presos em forma de penteados e sua postura corporal é alta.

O padrão da moda europeia, principalmente francesa, frequentemente aparecia nos periódicos da época. É possível ver isso tanto nos textos escritos, quanto nas imagens que recheavam as páginas a fim de movimentar o comércio e, mais que isso, instruir a população local sobre os objetos, os trajes e os costumes mais *civilizados* do momento. No que diz respeito à indumentária feminina, a “aparência das mulheres era considerada símbolo do prestígio da família, fosse quando elas recebiam pessoas em sua casa ou quando eram convidadas de outrem” (Gagliardo, 2016, p. 96), assim coube “ao belo sexo o papel de ressaltar a riqueza e o poder da família, usando suas vestes e adornos para isso” (Gagliardo, 2016, p. 96). Ademais, os jornais e revistas prescreviam que, em público, as senhoras deviam se apresentar com os cabelos presos, mostrando que eram damas “respeitáveis” (Gagliardo, 2016 p. 89-100).

Figura 2 – Cabeçalho do *Periódico dos Pobres*.



Fonte: *Periódico dos Pobres* (1853, p. 1).

A inserção dessa imagem comprova o sucesso entre as leitoras da seção “Visita das priminhas”. O desenho vinha ilustrar a coluna fixa que aparecia na primeira página e que se alargava, muitas vezes, até a terceira. A imagem também colaborava com o objetivo do jornal de divulgar as modas estrangeiras de decoração,⁹ as vestimentas, os hábitos, os costumes etc.

⁹ Na década de 1850, no Brasil, o piano tornou-se uma mercadoria-fetiche porque era símbolo de luxo e de *status*. “De alto valor agregado e de imediato efeito ostentatório – as duas características que fazem desde então a felicidade respetiva dos importadores e dos consumidores brasileiros de renda concentrada –, o piano apresentava-se como o objeto de desejo dos lares patriarcais. Comprando um piano, as famílias introduziam um móvel aristocrático no meio de um mobiliário doméstico incaracterístico e inauguravam – no sobrado urbano ou nas sedes das fazendas – o salão: um espaço privado de sociabilidade que tornará visível, para observadores selecionados, a representação da vida familiar” (Alencastro, 1997, p. 47).

Com relação aos versos, vê-se o contrário de *O anunciador*, pois o *Periódico dos Pobres* publicava mais poemas de autoria de leitores, diminuindo a reprodução de versos copiados de folhas portuguesas. Muitos possuem motes que podem ser invenções do editor, em forma de desafio poético, ou que podem ser versos enviados pelos leitores. Os poemas apareciam, com frequência, nas terceiras e/ou quartas páginas. Eram formados, principalmente, por versos metrificados e rimados, e tinham, constantemente, o amor como tema. São inúmeros, aqueles dedicados a uma ilustríssima senhora que podia ou não ser uma amada. Entretanto, não só o amor parecia ser relevante para ser cantado pelos poetas colaboradores da folha, pois outro sentimento fazia-se presente nos diversos poemas: a saudade. Não se pode esquecer que o *Periódico dos Pobres* se dirigia à colônia portuguesa estabelecida no Rio de Janeiro. Dessa maneira, os exilados se identificavam com os versos que cantavam lembranças da infância passada na pátria lusa e dos familiares e amigos deixados além-mar. E os versos que não eram tomados pela tristeza tematizavam a amizade.

O PRIMOGÊNITO SONETO

Pois bem, foi no *Periódico dos Pobres*, que, aos quinze anos, Machado de Assis publicou o seu primeiro poema na imprensa, o qual mostrou-se simpático à tradição clássica, porque se apresentou sob a forma fixa do soneto camoniano e se alinhou à finalidade do jornal de “pôr em prática o preceito de Horácio, [isto é] *de juntar o agradável com o útil*” (*Periódico* [...], 1850a, p. 1), no sentido de servir como recreio aos leitores, ao mesmo tempo que popularizava certos valores da cultura retórica. O poema vinha colaborar, portanto, com a missão pedagógica e civilizatória da folha de A. M. Morando.

Publicado em 3 de outubro de 1854, o “Soneto” à Ilma. Sra. D.P.J.A é um panegírico poético dedicado a uma mulher de nome Petronilha, como registrado no último verso.¹⁰ Leia-se o poema:

A' Ilma. Sra. D. P. J. A.

1. Quem pode em um momento descrever
2. Tantas virtudes de que sois dotada
3. Que fazem dos viventes ser amada
4. Que mesmo em vida faz de amor morrer!
5. O gênio que vos faz enobrecer,
6. Virtude e graças de que sois c'roada;
7. Vos fazem do esposo ser amada –
8. (Quanto é doce no mundo tal viver!)
9. A natureza nessa obra primorosa
10. Obra que d'entre todas as mais, brilha
11. Ostenta-se brilhante e majestosa!
12. Vós sois de vossa mãe a cara filha
13. Do esposo feliz, a grata esposa,
14. Todos os dotes tens oh – Petronilha –

J. M. M. Assis

(Assis, 1854, p. 4).

Anunciada no título, a forma escolhida é o clássico soneto italiano, muito praticado em língua portuguesa desde o século XVI,¹¹ e que,

¹⁰ Recentemente, Ricardo Costa de Oliveira (2023, p. 5-6), após pesquisas genealógicas, identificou “D. P. J. A.” como sendo Dona Petronilha Júlia de Almeida e Silva, casada com Emídio Fernandes da Silva desde 1843.

¹¹ De acordo com o *Tratado de metrificação portuguesa*, o soneto italiano é composto por quatorze versos distribuídos em quatro estrofes. As duas primeiras

conforme consta no compêndio *Poética: para uso das escolas* (1843), “pede muita nobreza e elevação de pensamento. Deve ser *aberto com uma chave de prata, e fechado com outra de ouro*” (Carneiro, 1859, p. 41),¹² significando que a primeira estrofe apresenta o tema e a última concentra a ideia principal. No primeiro quarteto do poema à Petronilha, é possível ver que o motivo central do texto poético é elencar as “virtudes” da homenageada, as quais, consequentemente, provocam um intenso sentimento de “amor” nos “viventes”.

Nessa primeira estrofe, o emprego da palavra “viventes”, que serve como metonímia para pessoas, colabora para que se atinja um efeito poético na estrofe, pois, unida às palavras “virtudes” e “vida” (todas fortemente acentuadas nos versos), ecoa o som representado pela letra “v”, dando maior destaque tanto ao assunto do poema, as “virtudes” da senhora, quanto à “viveza”, ou melhor, à intensidade do amor despertado naqueles que convivem com ela. Segundo o eu lírico, em tom declamatório e de maneira a arrematar a primeira estrofe, a musa possui virtudes: “Que mesmo em vida faz de amor morrer!” (Assis, 1854, p. 4). Assim, mediante o emprego de hipérbole e da aproximação de termos opostos, “vida” e “morte”, isto é, do uso de antítese, ambos configurados para a expressão de uma ideia paradoxal, dá-se maior força à pintura do caráter da elogiada, despertando um sentimento de admiração no leitor ou ouvinte.

Com relação ao ritmo do poema, dois andamentos acentuais se alternam na maioria dos versos. Como exemplo, leiam-se os dois primeiros: verso 1: “Quem pode em um momento descrever”; e verso 2:

são quartetos e as duas últimas, tercetos. O verso escolhido é o decassílabo e as rimas seguem a sequência ABBA ABBA CDC DCD (Castilho, 1851, p. 122).

¹² No início do compêndio, o autor escreveu que a primeira edição desse livro foi publicada em 1843 e, a essa, seguiram novas edições em 1848, 1851, 1855 e em 1859.

“Tantas virtudes de que *sois* dotada”. No primeiro, são acentuadas a 2^a, 6^a e a 10^a sílaba e, no segundo verso, a 4^a, 8^a e a 10^a sílaba, portanto, alternam-se versos decassílabos heroicos e sáficos. O verso 8: “(Quanto é *doce* no mundo tal *viver!*)”, por sua vez, apresenta acentuação na 3^a, 6^a e na 10^a sílaba, chamando a atenção do ouvinte para a mudança de ritmo e, consequentemente, para a exclamação que se dá por meio de sinestesia, uma vez que se trata de um modo de viver “doce” e, então, prazeroso ou agradável. Esse último andamento acentual, destoante dos demais versos heroicos e sáficos que concorrem no poema, aparece ainda no verso 13: “*Do esposo feliz, a grata esposa*” (Assis, 1854, p. 4). Logo, apoiando-se no ritmo, o eu lírico se mantém a uma distância segura da senhora casada, mesmo depois de ter comentado que o modo como ela vive no mundo é “doce”. Isso mediante o uso do recurso do parêntesis, que, em textos poéticos dessa época, normalmente era empregado a fim de que o poeta inserisse um comentário muito pessoal.

Quanto ao metro empregado no soneto de Machado de Assis, inicialmente, é preciso recordar que, durante o século XIX, nos países de língua portuguesa, vigoraram dois sistemas de versificação, com o detalhe de que o sistema antigo foi, gradativamente, perdendo espaço para o novo, até a sua extinção entre os poetas. José Américo Miranda, retomando Péricles Eugênio da Silva Ramos, assim explicou como funcionava o antigo padrão de contagem silábica da poesia luso-brasileira, produzida nos anos que antecedem a segunda metade do Oitocentos:

na tradição da língua portuguesa, língua de ritmo grave, em que se ouve sempre (ou quase) um som fraco depois do último forte, a medida dos versos era feita incluindo-se na contagem das sílabas uma última sílaba átona (existisse ela ou não, ou fossem duas). Em outras palavras, depois da última sílaba tônica do verso, sempre se contava mais uma (Miranda, 2021, p. 134).

Por meio da publicação, em 1851, do *Tratado de metrificação portuguesa*, o retor e poeta António Feliciano de Castilho recomendou que, na contagem silábica, fosse considerada somente a última tônica do verso, não importando se houvesse uma ou duas átonas posteriores. Nas suas palavras:

[...] advertimos que nós contamos por sílabas de um metro, as que nele se proferem até à última aguda ou pausa, e nenhum caso fazemos da uma ou das duas breves, que ainda se possam seguir; pois chegado ao acento predominante, já se acha preenchida a obrigação (Castilho, 1851, p. 18).

Assim, esse novo procedimento¹³ imitava a contagem silábica da língua francesa, língua aguda, e, portanto, constituída por uma maioria de vocábulos que têm acento na última sílaba. A reforma castilhiana produziu duas consequências, explicadas por Miranda:

[...] em primeiro lugar, os versos que hoje designamos por certo número de sílabas eram sempre designados pelo número imediatamente acima do atualmente usado – por exemplo, os versos decassílabos eram chamados de hendecassílabos, e o verso de redondilha maior era o octossílabo [...]; em segundo lugar, há importantes consequências na medição dos versos compostos – que produzem incongruências entre o sistema antigo e o novo (Miranda, 2021, p. 134).

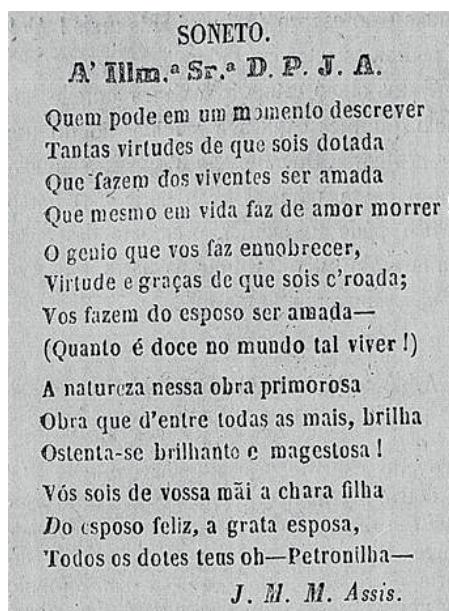
E, de acordo com o crítico, apesar de ter ainda usado, posteriormente, a nomenclatura antiga para os versos, Machado de Assis prontamente adotou o novo sistema de versificação para a construção de suas composições poéticas (Miranda, 2021, p. 134-135). No soneto

¹³ Conforme Miranda (2021, p. 136), “sabe-se, entretanto, que a ideia já circulava na teoria do verso português: Miguel do Couto Guerreiro, em 1784, no seu *Tratado de versificação portuguesa*, entendia do mesmo modo a métrica de nossa língua”.

à Petronilha, os versos, conforme a nomenclatura antiga, recebem a denominação de hendecassílabos, sendo, desse modo, segundo o novo sistema de versificação, classificados como decassílabos.

A respeito da forma de tratamento utilizada para se dirigir à interlocutora, em sinal de respeito e polidez, o eu lírico emprega o pronome pessoal “vós”, cumprindo com o decoro exigido pelo tema cantado.¹⁴ Entretanto, como observou Magalhães Júnior (2008, p. 24-32), em tom de crítica, no último verso, encontra-se o emprego do pronome pessoal “tu”. A presença desse pronome, indicando informalidade, destoa do tratamento formal anteriormente dirigido à homenageada. Veja-se o poema retirado das páginas do jornal:

Figura 3 – “Soneto” à Ilma. Sra. D. P. J. A. no *Periódico dos Pobres*.



Fonte: Assis (1854, p. 4).

¹⁴ Sobre o pronome, lê-se na *Gramática histórica da língua portuguesa*: “o pronome *vós* caiu em desuso, quer para denotar pluralidade de pessoas, quer como tratamento de polidez; conserva-se todavia nas preces, no estilo oratório, na poesia, na linguagem de ficção quando a pluralidade não se refere a seres humanos e no estilo oficial” (Said Ali, 1931, p. 94).

Sabendo que o *Periódico dos Pobres*, assim como outros periódicos oitocentistas, tinha como missão veicular os conhecimentos úteis, em forma de entretenimento, para a educação moral de seus leitores, é possível supor que o poeta tenha empregado o pronome “tu”, no último verso, como forma de ensinar a maneira de se aproximar de uma senhora.¹⁵

Como já observado, no primeiro quarteto, ressalta-se, como tema, que a ilustríssima homenageada possui, como dotes, “virtudes” que inspiram muito amor.¹⁶ No poema, a palavra “dote” pode trazer à cena o contexto cultural do período colonial, no que diz respeito ao casamento e à família patriarcal. No Brasil colônia, era prática comum que o matrimônio fosse realizado a partir de uma motivação política e/ou econômica. Nas elites rurais, geralmente o pai ou o irmão mais velho, o patriarca da família, escolhia o futuro cônjuge do filho ou da filha, desconsiderando qualquer sentimento de afeto que poderia ou não existir, pois buscava-se, mediante a união conjugal,

¹⁵ Como se vê na imagem retirada do jornal, no último verso do poema, o emprego do pronome “tu” se dá por meio da inscrição do termo “teus”, seu possessivo correspondente. Galante de Sousa (1979, p. 18), quando identificou o soneto no *Periódico dos Pobres*, optou por transcrever “tens”, já que era comum os tipógrafos colocarem alguma letra invertida, por utilizarem o mesmo tipo para “u” e “n”. Essa é a transcrição consagrada, no entanto, caso se considere a possibilidade de o poeta ter escrito “teus”, reforça-se a hipótese de que o autor estava ensinando seu interlocutor a se aproximar de uma senhora casada, pois, posposto ao substantivo “dotes”, denota familiaridade. Como consta na *Moderna gramática portuguesa*, a “posposição [do possessivo] ocorre no estilo solene, em prosa ou verso, e, em nome de pessoas ou de graus de parentesco, pode denotar carinho” (Bechara, 2009, p. 182).

¹⁶ A propósito, no *Segundo Panegírico do Senhor Bom Jesus do Calvário* (1832), do Frei Monte Alverne, consta o seguinte pensamento: “[...] a virtude é o único título de ilustração de que o homem pode justamente gloriar-se” (Alverne *apud* Duran, 2010, p. 164).

aumentar ou preservar a riqueza das famílias (Gagliardo, 2016, p. 111). As moças eram entregues aos futuros maridos, levando consigo uma determinada quantia. É bem provável que esse costume tenha perdurado, no Brasil, século XIX afora, como apontou Evaldo Cabral de Mello (1997, p. 414): “quanto à associação entre patriarcalismo e ruralidade, a família de sobrado urbano foi tão patriarcal quanto a de casa grande rural”.¹⁷

Diante dessa prática, é possível que os indivíduos mais pobres se sentissem inferiorizados e preocupados com o que ofereceriam a um futuro cônjuge. Nesse sentido, pressupondo que a homenageada não tivesse tanto poder aquisitivo, uma vez que o poema saiu no *Periódico dos “Pobres”*, o eu lírico parece tranquilizar a Petronilha quanto ao seu dote “imaterial”, ou seja, quanto às suas qualidades morais, consideradas suficientes para um bom e feliz casamento. Ademais, o texto poético acaba ensinando às leitoras e aos leitores qual deve ser o verdadeiro dote.

No segundo quarteto, têm-se, como provas da dignidade da mulher, quais são suas virtudes: o “gênio” e as “graças”.¹⁸ Com a informação de que esses atributos “enobrecem” e “coroam” a homenageada, pode-se inferir que a caracterização do caráter de Petronilha tenha passado pelo âmbito da religião católica e tenha relação com o modelo representado pela família real no Brasil (Mauad, 1997, p. 185).

¹⁷ E conforme o psiquiatra Jurandir Freire Costa (1979, p. 216), “o contrato conjugal era, de fato, um mero relé no intercâmbio de riquezas. [...]. Sem dote, a mulher estava voltada ao celibato. A tal ponto chegou a vinculação do dote ao casamento que, em muitos documentos coloniais, os termos eram empregados como sinônimos”.

¹⁸ O “gênio” pode se referir ao espírito ou dom natural para dominar algo; ou inspirar as artes; e as “graças”, aos benefícios concedidos por Deus (Grande dicionário Houaiss (online)).

Um primeiro significado do verbo “enobrecer” leva à associação com a nobreza, a classe (em sociedades hierárquicas) formada por membros ligados à figura do rei, considerado um indivíduo sagrado. E como metáfora, o verbo atribui as características de elevação e beneficência ao espírito da dama. Da mesma forma, um dos significados do verbo “coroar” tem relação com a realeza, ou melhor, com a cerimônia sagrada de coroação de reis e príncipes, podendo simbolizar, no poema, que a musa é abençoada, e, por isso, possui grande poder e autoridade.

Como destacado pelo eu lírico, na segunda estrofe, as características morais da Petronilha interessam ao “esposo”, porque são elas que a fazem “ser amada”. Com um selecionado vocabulário culto e um cuidado com a organização da frase, o texto poético legitima um dos principais papéis sociais atribuídos à mulher durante o século XIX, isto é, a função de ser uma boa esposa. Além de ter um *gênio* calmo, compassivo e benevolente, as senhoras deveriam se responsabilizar por todos os afazeres domésticos, pelos serviços de costura e bordado e deveriam se dedicar aos rituais religiosos, porque delas dependia o funcionamento da boa sociedade e, dessa forma, o progresso da nação (Gagliardo, 2016, p. 120). Ao cuidarem sozinhas do lar e dos filhos, elas abriam espaço para que seus maridos pudessem trabalhar, com afinco, fora de casa. Nesse sentido, os periódicos oitocentistas reiteravam a importância que as mulheres tinham naquela sociedade burguesa em ascensão, principalmente quando elas aceitavam o casamento e a maternidade como únicos objetivos de vida.

No soneto machadiano, a senhora ganha contornos mais hiperbólicos na terceira estrofe. Metaforizada em obra “primorosa” da natureza, “brilhante” e “majestosa”, ela é descrita como superior aos outros seres humanos. É quase uma divindade, uma soberana que inspira respeito e admiração. Aliás, a interjeição “oh”, presente na última estrofe, e sugestiva desse olhar de veneração à Petronilha, já

ecoa desde o primeiro terceto, por meio do emprego de assonância, que se manifesta pela presença da vogal “o”, de som abertíssimo. Veja-se:

A natureza nessa **obra** primor**osa**
Obra que d'entre todas as mais, brilha
 Ostenta-se brilhante e majest**osa**!
 (Assis, 1854, p. 4, grifo nosso).

Dessa forma, tem-se a ampliação da caracterização da musa com imagens que remetem ao sagrado cristão, mais especificamente à Virgem Maria, e à família real, pois não se pode esquecer que *vossa majestade* era uma das formas de tratamento que poderia ser dirigida aos reis e imperadores (Bechara, 2009, p. 166).

Como conclusão, no último terceto, por meio dos epítetos “cara” filha e “grata” esposa, o poema acaba valorizando e ensinando que as mulheres devem ser sempre amáveis com sua família de origem, e também devem expressar gratidão ao esposo pelos seus cuidados, que, à época, caracterizavam-se como a quase total proteção financeira. Diga-se, novamente, o verso que encerra o soneto “*com chave de ouro*” (Carneiro, 1859, p. 41), “Todos os dotes tens oh – Petronilha –” (Assis, 1854, p. 4), atesta que o amor é mais que necessário como dote, dispensando riquezas materiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, nota-se, em todo o poema, o cumprimento do decoro¹⁹ para homenagear a Petronilha, cuja imagem é construída conforme valo-

¹⁹ *Decoro* é a adequação, realizada pelo autor, do estilo ao gênero e ao tema abordado na criação artística. Nas palavras de Freire de Carvalho (1840, p. 200), “*Decoro em Eloquência* é a conveniência, ou a exata conformidade da expressão em geral com os pensamentos, e de ambas estas cousas com as pessoas, que no dis-

res da sociedade patriarcal de meados do século XIX. Considerando a linha editorial do periódico, que está de acordo com a política vigente e a influência da religião católica sobre a população, o soneto pode acabar afirmando alguns valores do Estado imperial, no sentido de atender aos interesses sociais de formação e manutenção da família brasileira, que passava a ter como um dos principais objetivos: gerar novos filhos saudáveis para a nação em formação. No texto poético, a interlocutora ganha características nobres e religiosas, devido ao bom cumprimento de suas funções sociais, isto é, de ser estimada filha e agradável esposa.

Por último, o soneto à Petronilha, primeiro e único do jovem Machado de Assis no *Periódico dos Pobres*, atende ainda à finalidade horaciana da folha em ser agradável e útil, uma vez que, deleitando-se com os ornatos hiperbólicos e ostentatórios presentes no texto poético, a leitora pode aprender que, para se casar, deve seguir o modelo da senhora D. P. J. A., a qual possui virtudes como a bondade e a pureza de espírito. E o leitor, por sua vez, também pode aprender quais devem ser as características de uma boa noiva.

RECEBIDO: 04/06/2025

APROVADO: 16/06/2025

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. (org.). *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v. 2.

AO RESPEITÁVEL público. *O Annunciador*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 1, 4 fev. 1850.

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. 12. ed. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2005.

curso intervêm, com a matéria, que no mesmo se trata, e com as circunstâncias do tempo, e do lugar”.

- ASSIS, Machado de. Soneto à Ilma. Sra. D. P. J. A. *Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, n. 103, p. 4, 3 out. 1854.
- AZEVEDO, M. S. Quatro de abril. *Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, ano II, n. 39, p. 1, 5 abr. 1851.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.
- CARNEIRO, Bernardino Joaquim da Silva. *Poética: para uso das escolas*. 5. ed. Coimbra: Livraria de J. Augusto Orcel, 1859.
- CARVALHO, Francisco Freire de. *Lições elementares de eloquência nacional*. 2. ed. Lisboa: Tipografia Rollandiana, 1840.
- CASTILHO, António Feliciano de. *Tratado de metrificação portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1851.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- DURAN, Maria Renata da Cruz. *Ecos do Púlpito: oratória sagrada no tempo de D. João VI*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- ESMERALDA, Francisco Velloza Carvalhal. Dedicado as Senhoras. *Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, n. 77, p. 3-4, 17 out. 1850a.
- ESMERALDA, Francisco Velloza Carvalhal. Pensamentos dedicado as Senhoras. *Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, n. 79, p. 2-7, 22 out. 1850b.
- GAGLIARDO, Vinícius Cranek. *Imprensa e civilização no Rio de Janeiro oitocentista*. 2016. Tese (Dourado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2016.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Machado de Assis: vida e obra (aprendizado)*. 2. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2008. v. 1.
- MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*. 2. ed. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- MAUAD, Ana Maria. Imagem e autoimagem do Segundo Reinado. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. (org.). *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v. 2, p. 181-231.
- MELLO, Evaldo Cabral de. O fim das casas grandes. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. (org.). *História da vida privada no Brasil: Império: a corte*

e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v. 2, p. 385-438.

MIRANDA, José Américo. Basílio da Gama e Machado de Assis: Poetas. *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 21, p. 132-168, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/173919>. Acesso em: set. 2022.

MORANDO, Antônio Maximiano. Ao natalício de S. M. Imperial: o senhor D. Pedro II. *Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, ano II, n. 137, p. 1, 2 dez. 1851a.

MORANDO, Antônio Maximiano. Ao respeitável público. *Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, ano II, n. 43, p. 1, 15 abr. 1851b.

NOTÍCIAS de Portugal. *Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 1, 27 fev. 1851.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. Primeiras dedicatórias de Machado de Assis. *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, v. 16, p. 1-18, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-68212023165>. Acesso em: mar. 2023.

PERIÓDICO DOS POBRES. Rio de Janeiro, n. 1, 15 abr. 1850a.

PERIÓDICO DOS POBRES. Rio de Janeiro, n. 14, p. 1, 15 maio 1850b.

PERIÓDICO DOS POBRES. Rio de Janeiro, n. 1, p. 1, 4 jan. 1853.

REBOUL, Oliver. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SAID ALI, Manoel. *Gramática histórica da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1931.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOUSA, José Galante de. Os primeiros versos de Machado de Assis. In: SOUSA, José Galante de. *Machado de Assis e outros estudos*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra; Brasília: INL, 1979. p. 17-20.

SOUSA, Jorge Pedro. (org.). *O pensamento jornalístico português: das origens a abril de 1974*. Portugal: LabCom, 2010. v. 1.

MINICURRÍCULO

CRISTIANE NASCIMENTO RODRIGUES é docente no Instituto Federal do Sul de Minas (IFSULDEMINAS). Doutora em Estudos de Literatura pela Universidade Federal de São Carlos, é pesquisadora do Núcleo de Estudos Oitocentistas (NEO/UFSCAR). Recentemente publicou “Aspectos do Impressionismo literário no conto ‘Umas férias’, de Machado de Assis”, em *Impressionismo e Literatura* (v. II), organizado por Sandanello (EDUFMA, 2022). <https://orcid.org/0000-0001-5176-4340>